

## **Pensar a Metamorfose na Animação: Reflexões sobre Vida e Movimento no Meio Animado<sup>1</sup>**

Lucas Raphael do Nascimento PRESTES<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE

### **RESUMO**

A partir da obra *P&M* (2018) de José-Manuel Xavier, o artigo objetiva analisar a capacidade da metamorfose enquanto recurso próprio e constituinte da animação. Por revisão bibliográfica, serão requisitadas conceitos em Marina Estela Graça (2022), Paul Wells (2009), Sebastien Denis (2010) e discussões realizadas por Erwin Feyersinger e Carmen Hannibal (2021) para serem postas em diálogo com ideias filosóficas de Emanuele Coccia em *Metamorfoses* (2020).

**PALAVRAS-CHAVE:** estudos em animação; animação experimental; José-Manuel Xavier; metamorfose.

### **CORPO DO TEXTO**

Talvez o que mais chame atenção em *P&M* (2018), filme experimental de José-Manuel Xavier, seja o contínuo movimento e transformação ininterrupta das figuras durante seus 45 segundos de duração. A obra do animador português é elaborada seguindo princípios do autor valorizando a concisão, a organização gráfica em preto-e-branco e a constante formação de novas imagens para compor o “Outro Movimento” (XAVIER, 2018, 2021). O Outro Movimento, como define, é de ordenação mental, fora da ordem do movimento do cosmo e da vida, uma ilusão completa e mágica. Permite que a figura humana se torne boi, javali, cobra e retorne ao que foi. A metamorfose nessas mudanças visuais é recurso valioso e que encontra sua maior liberdade em obras animadas.

O conceito de “metamorfose” é antigo, sua origem é grega (METAMORFOSE, 2024), e se apresenta com valores e qualidades diferentes nas sociedades que a utilizam em seus mitos e cosmovisões. Mais comum às ciências biológicas, usado para descrever a transformação do corpo de um ser – em sentidos anatômicos, figurativos, ontológicos – em outro corpo. Seus exemplos mais recorrentes são encontrados na transformação da lagarta-casulo-borboleta ou do girino em sapo (GUIMARÃES, 2018, p. 13).

Seu uso também é empregado nos campos artísticos. Na literatura, um dos exemplos mais antigo é nas *Metamorfoses* de Ovídio. Seu uso também passa pela

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Cinema e Audiovisual e Interdisciplinaridade, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 8o. semestre do Curso de Cinema e Audiovisual do CAC-UFPE, e-mail: [lucas.raphaelprestes@ufpe.br](mailto:lucas.raphaelprestes@ufpe.br)

antropomorfização nas fábulas de Esopo, os bestiários medievais, a *Utopia* de Thomas More, *A Bela e a Fera*, *Pinóquio*, *Dr. Jekyll e Mr. Hyde*, até chegar em Gregor Samsa e sua intempérie escrita por Franz Kafka e, no Brasil, está em *Macunaíma* de Mario de Andrade. As obras exemplificam um caminho de como “o conceito da metamorfose abarcou uma coleção de terminologias: transformação, mudança, transfiguração, antropomorfismo, entre outras” (GUIMARÃES, 2010, p. 18). Nas artes visuais, há desde o interesse renascentista por transformações em mitos greco-romanos, ao registro desenhados das transformações pós-embrionárias de espécies por Maria Sibylla Merian, chegando ao uso como *gags* em caricaturas no século XVIII até as vanguardas de arte moderna. O termo alude ao processo de ou à repentina mudança de um ser em outro, ou até de seres em objetos (GUIMARÃES, 2018).

Marina Estela Graça (2022) traçou menção à capacidade da metamorfose na criação animada, definindo-a como a alteração de diferentes qualidades das marcas gráficas entre os fotogramas que compõe a animação. A especialidade do recurso no campo é enunciar com possibilidades que escapam às contenções de referencialidade e regulamentos convencionais do movimento das imagens. A possibilidade, ainda em Graça, é particularmente cara à animação pela sua enunciação em série, sendo somente visualizado ao final de sua produção, onde as silhuetas em movimento são vistas em tela se transformando imagem a imagem.

Pode nos ocorrer a separação dual da mudança pela metamorfose dos animais e seres vivos como natural e a mudança nas artes, em foco apresenta a animação, como técnica. A primeira na ordem dos processos observados e aceitos como comuns à natureza, enquanto a segunda como consequência de mudanças feitas das diferenças dos fotogramas por escolhas deliberadas de um realizador construindo o discurso animado. Estamos elencando a criação desse processo animado a partir de realizadores experimentais, nas proximidades das práticas de José-Manuel Xavier. No tempo de em que ocorre em ambos, no entanto, podemos traçar uma aproximação. As mudanças da natureza requerem longo tempo, assim como a produção animada necessita. Podemos lembrar em Sebastien Denis (2010) a criação da animação sendo de “24 imagens por dia”, não do automatismo das “24 imagens por segundo”. A diferença primordial são seus resultados: a metamorfose da natureza resulta na mudança total de corpo de um ser vivo, a animada é a explicitação do processo de mudança no continuum nas imagens.

Nessa junção radical, ancorado na partilha do nome, buscamos investigar algumas possíveis implicações filosóficas.

A primeira é tomar o movimento como expressão de vida. Na animação, recorremos à origem do nome onde “A palavra ‘animação’ [...] deriva do verbo latino *animare* (‘dar vida a’) [...] a animação tem sua essência no movimento” (LUCENA JUNIOR, 2019). Assim como na natureza, é através do movimento e das transformações de corpo, acionando partes internas e externas, silhuetas e contornos, que a materialidade se alterará, na animação devido à incessante instabilidade da linha (GUIMARÃES, 2018). O movimento é o que caracterizará a animação como um processo de vida. Processo paralelo, com outros ditames, um “Outro Movimento” (XAVIER, 2021). A metamorfose animada é, então, possível como esse valor representacional.

Em seguida, lembramos o “*ex nihilo*”, onde “Do nada pode nascer tudo” (DENIS, 2010). Denis discute o conceito pensando sobre o estado criacional do animador, onde a matéria será manipulada, comparando a exemplos que remetem ao “homunculus e ao Golem” (DENIS, 2010, p. 33). Os exemplos em Denis, em maioria, se circundarão em uma imagem de criação em espelho a um poder divino, de gênese deliberada de mundo. De início, aparenta sentido, dado o próprio processo da animação como enunciação de um discurso deliberado. Em segunda reflexão, parece alçar o animador da obra quase como onipotente, alheio às forças que operam sobre ele, como se independente do próprio processo da vida natural que o configuram e desembocam em sua produção. Não há, no entanto, desejo de taxar como errado as reflexões de Denis e outros animadores sobre o ofício. Em lugar, há a vontade de refletir uma posição não estritamente hierárquica de produção desse discurso, não partir da relação criador-criatura onde os exemplos citados podem nos levar. Queremos recorrer a outras leituras do processo da vida natural, buscando alternativas de reflexão.

No ensaio *Metamorfoses* (2020) de Emanuele Coccia, requisitaremos pensamentos para reconsiderar certas possibilidades do fazer animado e de como podemos pensar a metamorfose animada. A obra de Coccia reflete de maneira filosófica sobre as implicações dos processos do viver e da mudança dos seres vivos, com a compreensão de necessidade de partilha de outras subjetividades, técnicas e tecnologias de cooperação da vida. Em entrevista ao canal ICC Rio de Janeiro (2020), o autor explica que buscava extrapolar o conceito de vida pelas elaborações científicas da biologia, como

A Teoria da Evolução das Espécies de Charles Darwin e o surgimento simbiótico da célula eucariótica por Lynn Margulis. Acreditamos haver ressonâncias entre certos elementos na obra experimental de José-Manuel Xavier.

José-Manuel Xavier é um animador português radicado na França. Seus primeiros escritos ensaísticos são lançados no país em 2003, acerca de suas experimentações feitas a partir da obra do poeta Fernando Pessoa. Em seguida, escreve em português o livro *Poética do movimento* (2007) e a partir da revisão desse, em 2018, reedita um volume de nome *A Poética da Ilusão do Movimento* (2018), lançado no Brasil pelo Núcleo de Cinema de Animação de Campinas. Na obra, o autor discorre sobre o animador perante o momento de elaboração da animação. Privilegia uma relação entre animação e poesia escrita, apartando-se da animação comercial e da prosa para privilegiar o modo poético de construção de discursos. Sob a filosofia de seus movimentos contínuos, seus trabalhos buscam serem concisos, com o movimento como contínuo discurso. Seu discurso pela metamorfose é, como em Guimarães (2018), onde as imagens da animação são sempre interdependentes em relação às imagens anteriores e as futuras, sempre existindo em movimento sem ruptura.

Os escritos do animador nos auxiliam também em pensar estratégias de remodelar ligeiramente a construção da animação. Xavier (2018) está de acordo com a ideia de discurso elaborado a partir de enunciações gráficas, as próprias imagens compondo o discurso. A criação d'O Outro Movimento, no entanto, é a materialização de um processo não plenamente consciente, onde a enunciação é uma forma de “animar a esmo”. Embora a junção dos autores pareça tão radical quanto ao da metamorfose nas diferentes áreas, a possibilidade de união surge pela partilha das formas de reflexão filosófica e poética em seus respectivos assuntos e a confluência do valor privilegiado do movimento e da transformação.

Levando às últimas consequências filosóficas as teorias científicas da vida, Coccia revela uma fuga dos puros positivismos, subjetivando e amplificando a metamorfose como processo motor da vida presente desde suas primeiras formas. Esses processos são tensionados além da imagem borboleta-casulo, quando as próprias espécies são etapas de diferentes metamorfoses da natureza, que perduram pelo movimento e diferença. Os movimentos que empurram os seres à mudança é o próprio movimento da vida. Em Coccia (2020), a vida dos seres é unívoca, uma identidade comunal. Operando a partir do

nascimento, que une a experiência de toda a vida que existe e existiu, segue com as capacidades comuns de processamentos de energia – a alimentação, a digestão etc. – até ao fato científico da partilha de trechos de DNA humano com o de árvores. Coccia nos orienta a um movimento único, iniciado há muito e que não está estacionado. Os movimentos de transformação incessantes é o campo comum onde a metamorfose biológica e a animada encontram suas relações.

No campo representacional, pode parecer possível somente à metamorfose pós-embrionária ser passível de visualização, como na borboleta e no sapo. Essa metamorfose ecológica aconteceria em um período temporal tão maior que nossa compreensão no período de nossas existências que não podemos ver sua ocorrência em movimento. A animação, com seus recursos poéticos, pode nos servir como uma plataforma de pensar e buscar a representação desse tipo de transformação. Os pensamentos sobre animação de José- Manuel Xavier, como os de Coccia, são uma digressão e subjetivação da técnica animada para uma outra alçada além dos positivismo de meios industriais da animação. Nessa partilha, o movimento e a metamorfose são as subjetivações da vida e de um dar-vida, como quando a animação move os corpos não biológicos. Buscamos refletir, a partir dos autores, como ambos os campos pode operar nessa confluência a partir da obra animada *P&M* (2018).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COCCIA, E. **Metamorfoses**. Rio de Janeiro, RJ: Dantes Editora, 2020. E-book.

DARWIN, C. **A origem das espécies**. São Paulo: Edipro, 2017. E-book.

DENIS, S. **O cinema de animação**. Tradução: Marcelo Félix. Lisboa: Texto & Grafia, 2010.

ESTELA GRAÇA, M. Fundamentos para a análise das formas e opções enunciativas gráficas em Animação. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, v. 12, n. 24, p. 415–431, 28 abr. 2022.

GUIMARÃES, C. R. L. **Transformações ao longo do movimento animado: a metamorfose**. Tese de mestrado, Arte Multimídia - Especialização em Audiovisual, Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes, 2018. p. 89.

LUCENA JUNIOR, A. **A Arte da Animação: técnica e estética através da história**. 3 ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2019. E-book.

MARGULIS, L. **The symbiotic planet: a new look at evolution**. London: Phoenix, 1999.



**METAMORFOSE.** In: Dicionário infopédia da Língua Portuguesa. Porto: Porto Editora. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/metamorfose>. Acesso em: 25 mar. 2024

XAVIER, J.-M. **Poética da Ilusão do Movimento.** 1 ed. Campinas, SP: Núcleo de Animação de Campinas, 2018.

\_\_\_\_\_. **Poética da Ilusão de Movimento.** Le mouvement des choses, 11 nov. 2021. Disponível em: <https://lemouvementdeschoses.com/2021/11/11/poetica-da-ilusao-de-movimento/>. Acesso em: 20 mar. 2024

\_\_\_\_\_. **Poética do movimento.** Lisboa: Edições da MONSTRA, 2007.

## REFERÊNCIAS FÍLMOGRÁFICAS E VIDEOGRÁFICAS

Entrevista inédita com o filósofo Emanuele Coccia pelo jornalista Damiano Fedeli, 14 ago. 2020. 1 vídeo (38 min). Publicado pelo canal IIC Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NIHwW7DvAk8>. Acesso em: 25 mar. 2024

P&M. 19 out. 2018. 1 vídeo (45 seg). Publicado pelo canal José-Manuel Barata Xavier. Disponível em: <https://youtu.be/xY8KL52tbJc?si=piE3Ui7XpOHbIc-o>. Acesso em: 27 mar. 2024.

## REFERÊNCIAS LITERÁRIAS

ANDRADE, M. DE. **Macunaíma: o herói sem nenhum caráter.** São Paulo, SP: Ubu, 2017. E-book.

BEAUMONT, J.-M. L. D. **A Bela e a Fera.** Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2021.

COLLODI, C. **As aventuras de Pinóquio: história de um boneco.** Tradução: Beatriz Magalhães. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2021. E-book.

ESOPO. **Esopo: fábulas completas.** Tradução: Neide Smolka. Moderna, 2021. E-book.

KAFKA, F. **A metamorfose.** Tradução: Modesto Carone Netto. 6a ed ed. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

MORE, T. **Utopia.** São Paulo, SP: Penguin-Companhia das Letras, 2021. E-book.

OVÍDIO. **Metamorfoses.** Tradução: Rodrigo Tadeu Gonçalves. São Paulo, SP: Penguin-Companhia das Letras, 2023. E-book.

STEVENSON, R. L. **O Médico e o Monstro.** São Paulo, SP: Editora Antofágica LTDA, 2020. E-book.